

RESUMO

Trata-se de uma reflexão sobre as diferentes paisagens urbanas fortalezenses, portadoras de heranças, significado social, político, cultural e estético, decorrentes de teias relacionais do homem-espço e tempo. As paisagens de Fortaleza aqui reveladas são, sobretudo, reveladoras dos filtros psicoculturais perceptivos do pesquisador. Por outro lado, o recorte de algumas paisagens denotadoras de territorialidades particulares como aquelas da Praia de Iracema e das prostitutas do Passeio Público, da Avenida Beira Mar e do Bairro do Farol sinaliza as interações de paisagens e territorialidades.

RÉSUMÉ

Cet article est une contribution à la réflexion sur des différents paysages urbains de Fortaleza-Ce. Ils sont porteurs de héritages, signifiés et de sens social, politique, culturel et de l'esthétique. En fait, ils contiennent les réseaux relationnels entre l'homme-espace-temps. Les paysages de Fortaleza ici révélés sont, surtout dûs aux filtres psycho-culturels perceptifs. D'ailleurs quelques paysages portent des territorialités particulières comme celles de la Praia de Iracema et des prostituées du Passeio Público, de l'avenida Beira Mar et Bairro do Farol.

Introdução

Falar sobre a cidade de Fortaleza, no seu dia-a-dia nos remete a uma questão anterior: é possível falar da Cidade, sem levar em conta que esta é um espaço marcado por diferenciações e segregações espaciais, contrastes distintos nos seus 336 km² se se considerar apenas os limites geográficos da Capital cearense?

A população de 1.770 habitantes possui mais de 20 mil crianças abandonadas e, aproximadamente 200 mil pessoas vivendo em condições de miséria absoluta, de acordo com os dados oficiais do IBGE (1991). O reverso aparece igualmente em dados, como aqueles tradicionalmente mencionados na imprensa, ressaltando o crescente número de edifícios suntuosos da Avenida Presidente Kennedy, popularmente conhecida como Beira Mar, e suas imediações. Nela os apartamentos avaliados entre US\$300 e US\$700 mil causam espanto, o que não impede de constatar seu emolduramento por cerca de 300 favelas que abrigam 543 mil habitantes². Dados mais recentes na mídia nacional colocam Fortaleza como uma "ilha de prosperidade", no Nordeste, destacando-se no cenário brasileiro como uma das cidades do País com o maior número de carros importados e grande porcentagem de pessoas com viagens para o Exterior.

¹ Instituto de Estudos Sócio-Ambientais Universidade Federal de Goiás

Neste contexto, pode-se ponderar se o momento permite discutir uma cidade, seus habitantes, como produtores desta cidade, ou se não é o caso de pensar em mosaicos espaciais urbanos.

Nesta leitura, é mais do que oportuna a proposta de discutir Fortaleza sob o signo da modernidade e sob vários olhares. Possibilita, assim, vários enfoques/ usos de lentes ao gosto do pesquisador/observador na busca de recortes, fragmentos urbanos específicos.

No meu caso, me proponho lançar um olhar de geógrafa sob o tema proposto sem, entretanto, enfocar a modernidade, tema que vem sendo discutido por vários geógrafos brasileiros como Milton Santos, Rogério Haesbaert Costa, Ana Fani, A. Carlos, Paulo Cesar Gomes, entre outros. A tentativa nestas notas é de esboçar algumas reflexões sobre a cidade vivida e a construção de territorialidades por alguns sujeitos sociais de Fortaleza. O recorte proposto é pensar que paisagens e territorialidades existem em referência sócio-histórica a alguma coisa, numa situação de assimetria política, econômica e cultural à afirmação e apropriação dos valores.

1 Paisagem e paisagens

Convém esclarecer que o olhar se deterá nas paisagens urbanas. Estas se inventam, se produzem surgidas das ações sociais que o grupo realiza, pelo seu trabalho, em um dado espaço. Ora, Lefebvre já afirmava que a cidade é uma projeção da sociedade sobre o local. Ruas, avenidas, praças, jardins, calçadas, construções verticais e horizontais são elaboradas pela sociedade, denotadoras das diferentes apropriações do espaço pelo homem e produzem as paisagens urbanas. São também paisagens urbanas o movimento, os adensamentos humanos, os transportes, o barulho, o tráfego, a vida agitada constituindo uma atmosfera que assinala, fundamentalmente, um modo de vida urbano.

As paisagens urbanas são um sistema integrado de relações pacientemente elaboradas entre o homem, o tempo e o espaço. Assim, afirma Ferrara (1993), para quem as transformações sociais, políticas e econômicas deixam na cidade marcas ou sinais que contam uma história não verbal, pontilhada de imagens, de máscaras que têm como significado o conjunto de valores, usos, hábitos, desejos e crenças que nutriram e nutrem, através dos tempos, o cotidiano dos homens.

No caso de Fortaleza, as paisagens urbanas refletem as características sociais e culturais e lhe dão uma *griffe*. Vejamos algumas: a boemia na Praia de Iracema, os forrós, notadamente o do "Pirata", a caminhada esportiva e o comércio na Beira Mar; novas áreas de consumo serpenteando as avenidas D. Luiz e Virgílio Távora representam, tanto para o fortalezense como para o estranho, as marcas citadinas de uma paisagem ímpar.; os passeios ao entardecer na velha ponte metálica, as peixadas, Chico do Caranguejo, Estoril, Passeio Público, Mercado São Sebastião, Mercado Central e Igreja da Sé acrescem mais elementos, criam uma linguagem, um modo de produzir uma representação específica da cultura urbana fortalezense.

Cabe aqui mencionar, mesmo brevemente, a importância que as paisagens têm adquirido nos estudos das Ciências Sociais. Investigam-se, com interesse, as paisagens e os lugares que proporcionam ligações estreitas, o peso da cultura ou nacionalidade na determinação de dadas paisagens, a preferência por paisagens singulares, o consumo estético destas... É clássico, por exemplo, o estudo de Lowenthal & Prince (1964) sobre o gosto inglês pela paisagem. Eles constataram que os tipos de paisagens preferenciais são, de fato, próprios e particulares da Inglaterra. Os ingleses revelaram maior atração por aspectos pitorescos, bucólicos, antigos, decíduos que marcam a paisagem, entre outros qualitativos. Foi evidenciado, naquele estudo, o inglês julgar a paisagem pelo valor histórico, a tradição e, também, a atração pelo velho, às vezes pelo feio. Estes aspectos, sem dúvida, tornaram singular a paisagem inglesa.

A paisagem, portanto, portadora de signos culturais e psíquicos, é um suporte indispensável para o estabelecimento de uma identidade com e da cidade de Fortaleza; é, ao mesmo tempo, sua incorporação num mapeamento outro que a situa no vasto mundo.

Calvino (1990:34) tem uma leitura sensível sobre a revelação deste signos. Para o autor entende-los é o revelar de paisagens de cidades que temos em nós.

(...) assim que o estrangeiro chega à cidade desconhecida e lança o olhar em meio às cúpulas de pagode e clarabóias e celeiros, seguindo o traçado de canais, hortos, depósitos de lixo, logo distingue quais são os palácios dos príncipes, quais são os templos dos grandes sacerdotes, a taberna, a prisão, a zona. Assim - dizem alguns - confirma-se a hipótese de que cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras e sem forma, preenchida pelas cidades particulares.

Esta singularidade da percepção da paisagem passa então por “um jogo de correspondências entre a realidade externa e o estado psicológico” do habitante e daquele que visita a cidade. É assim, repito, que certos elementos assumem o valor de signos, simbolizando e sintetizando Fortaleza.

Na paisagem, cabe destacar as imagens dinâmicas. A Praça do Ferreira teve, em outros tempos, importante função de local de encontro. Abrigava, desde a década de oitenta do século XIX, cafés-bares como o “Café Iracema”, o “Elegante”, o “Do Comércio” e o “Java”, além do Jardim 7 de setembro; ambos eram bastante frequentados pelos intelectuais, senhores e senhoras da sociedade fortalezense. Ora, novos locais mais confortáveis e proporcionando maior privacidade surgiram. Atraíram os frequentadores das praças e estas, apesar de terem sido reconstruídas, não readquiriram a função primordial como ponto de encontro. Assumem hoje ares de local dos excluídos, como o caso da Praça do Ferreira, com aposentados e desempregados, e o Passeio Público notadamente com a prostituição. E algumas praças, como a José de Alencar, estão atualmente descaracterizadas da função pelo uso imposto pelo aumento da circulação e comércio no centro.

Assim, pode-se dizer que, apesar de sua aparente estabilidade, o sistema de relações apresenta uma dinâmica, podendo desestruturar e reestruturar em função de aspectos diversos. Por exemplo, a configuração da paisagem urbana de Fortaleza é reveladora de investimentos no comércio e na construção civil, em franca expansão, indicadora de uma boa fase econômica do setor empresarial; de outra forma, cabe lembrar que o sistema de relações perde sua estabilidade também em momentos de crise climática, seja pelo afluxo de flagelados nas praças e ruas, seja pelas novas prioridades administrativas e da gestão que são impostas; e, por último, desestabilizam e modificam a paisagem as divergências político-partidárias. Foi o caso quando, na administração municipal de 1984/88, eleita a candidata do PT, houve retaliações do Governo Federal, com cortes nos recursos financeiros, gerando o caos e problemas urbanos. Isto é, o dinamismo da paisagem não resulta apenas de motivação/força interna. As motivações e forças externas interferem com a mesma intensidade e grau de importância.

Em outras palavras, estou afirmando que o homem não é um objeto neutro no interior de uma cidade ou de um dado espaço. A transformação, a dinâmica da cidade, como bem salienta Ferrara (1988:4), é realizada pelo próprio usuário que no seu uso/ produção de espaço nos revela o que pensa, seus desejos, preferências e rejeições. A dinâmica e vitalidade da paisagem urbana é portanto a história do uso urbano “escrita” pelo homem que, segundo Fremont (1980:16) “... apreende desigualmente o espaço que o rodeia, emite juízos sobre os lugares, é retido ou atraído, consciente ou inconscientemente...” Enfim, é a cidade como espaço vivido que emerge, sistema particular de relações unindo homens e lugares num espaço específico.

Na vertigem que a cidade se verticaliza, no movimento, nos adensamentos humanos se espalhando, avenidas que se ampliam rasgando espaços, na intensificação dos fluxos e do tráfego, emerge a atmosfera própria de uma Fortaleza que cresce e se moderniza, englobando as novas e velhas espacialidades: o Passeio Público/a Beira Mar, o centro/os *shoppings*, os hotéis e as favelas/as mansões de luxo ...

É um conjunto de transformações, no rastro de um Ceará moderno, com a ascensão ao Poder Executivo do grupo de empresários do Centro Industrial do Ceará, desbancando a

secular presença dos grandes proprietários rurais do Governo do Estado, que emerge. A modernização econômica e as transformações políticas e culturais, marcas da nova gestão, visam a adequar Fortaleza ao perfil do tipo de cidade moderna, em acelerada expansão no País. A Fortaleza, imagem destas novas representações, é aquela que incorpora tanto os complexos empresariais e uma classe média emergente, como os pescadores e jangadas da Praia do Mucuripe. Paisagem exótica sem dúvida, mas emblemática, em face das transições sem ruptura que são adotadas e que sempre encantam o forasteiro, ou melhor, o turista.

2 O desenho das territorialidades fortalezenses

É oportuno, portanto, falar da territorialidade. A noção de territorialidade é relativamente recente na Geografia. Raffestin (1993:161)³, um dos primeiros geógrafos a se preocupar em entender esta noção, destaca o seu valor particular, pois reflete a multidimensionalidade do “vivido” territorialmente pelos membros de uma coletividade. Tanto o processo como o produto territorial são “vividos” simultaneamente pelos homens através de um sistema de relações existenciais ou produtivistas. E, neste sentido, a territorialidade pode ser definida como *um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaco-tempo em vias de atingir a maior autonomia possível, compatível com os recursos o sistema.*

Nesta mesma linha, convém lembrar que Marx em suas reflexões dizia que os homens não produziam somente bens e serviços, mas também um território pleno de sentidos, significações que eu entendo remeter à territorialidade.

Há uma diversidade de apropriações de um mesmo espaço, seja sob a forma concreta de seu caráter produtivo e disciplinar, seja sob a forma simbólica quando se trata de seu valor histórico, natural, cultural. É nas apropriações nas quais os homens estabelecem suas relações, que são capazes de forjar um sentimento de pertença social, uma identidade territorial. Uma identidade resultante de relações estabelecidas vis-à-vis, um território trabalhado pelo homem, vivido na sua quotidianidade. O cotidiano, conforme assinala Diógenes (1993), é fundamental para a reconstrução das forças semeadoras da intimidade e, neste sentido, ele configura-se simultaneamente como espaço de encontro, espaço de resistência e reservatório das tradições.

Ilustro este processo com exemplos selecionados referentes a recortes de territorialidade de alguns sujeitos sociais na paisagem urbana de Fortaleza.

O Passeio Público, anteriormente citado, mesmo ganhando novo visual, há muito deixou de ser local de encontro da sociedade cearense para se converter em lugar de prostituição, atividade profissional diferenciada na forma e qualidade daquela que se pratica na Beira-Mar e mesmo daquela no Bairro do Farol. As prostitutas do “Farol” aguardam seus clientes marinhaes, empregados não qualificados da construção civil e do comércio, vendedores ambulantes, pescadores nos tradicionais cabarés, alguns já servidos de “quartos”. Elas não circulam em busca de clientes. As prostitutas da Av. Beira Mar, com a forte predominância de menores, estão permanentemente perambulando nos calçadões e nas inúmeras barracas que se contrapõem aos hotéis 4 estrelas e restaurantes mais sofisticados daquela avenida. O alvo delas é atrair a atenção dos turistas, principalmente os estrangeiros, clientes em potencial. Já no Passeio Público, é principalmente durante a tarde que as prostitutas, em grupos ou solitárias nos bancos da praça, são abordadas pelos clientes: soldados, comerciantes, empregados da Santa Casa de Misericórdia, vendedores, estudantes. Motel, pensões baratas e o Passeio Público constituem o universo delas.

Todavia, pesquisas realizadas por Oliveira, Silva e Araújo (1993)⁴ identificaram que, apesar dos ganhos financeiros serem distintos e, conseqüentemente, os clientes diferenciados nestes territórios, raramente as prostitutas deslocam-se, para exercerem suas atividades inerentes à profissão, do território do Passeio Público para aquele do Bairro do Farol ou aquele da Beira-Mar e vice-versa. Convém assinalar que a figura da cafetina é registrada nitidamente nas donas de cabarés no Bairro do Farol.

A despeito do fator idade que poderia ser imobilizador e definidor de territórios (

aquelas do Passeio Público apresentam uma faixa etária ligeiramente superior às demais e, as mais jovens encontram-se preferencialmente na avenida Beira-Mar), é evidente que estes territórios surgem como lugares singulares, de *attachement* de suas frequentadoras, pois é impossível de explicar estes fenômenos de resistência à mobilidade, quando se encontra em jogo a própria sobrevivência. Tais fenômenos constituem uma evidência da importância da relação do indivíduo / sociedade ao território, ou seja, da territorialidade de fato. A esse respeito, convém mencionar o entendimento de Soja⁷ sobre territorialidade. Para ele, esta comporta o senso de identidade espacial, senso de exclusividade e de compartimentação da interação humana no espaço.

Percebe-se, pois, que o Passeio Público, o Bairro do Farol e a avenida Beira-Mar podem ser lidos simultaneamente como espaços construídos pelas prostitutas a partir de uma identidade e /ou exclusão territorial e como a territorialidade destes sujeitos (as prostitutas) se materializa em “relações mediatizadas, simétricas ou dissimétricas com a exterioridade” (Raffestin, 1993:160)

Tal entendimento nos remete à reflexão de uma territorialidade que tem como suporte a alteridade, esta compreendida não só como o reconhecimento da existência do outro, o semelhante, mas tudo que é exterior ao eu. A exterioridade, portanto, pode ser o bairro, a praça ou a avenida, como pode ser entendida como a coletividade, a polícia, a igreja, ou mesmo as políticas urbanas, a mídia.

Vejo, assim, como importante incorporar análises de territorialidade e identidade territorial nos estudos de sujeitos sociais urbanos, abstraindo um pouco das clássicas leituras feitas de segregações espaciais que, por outro lado, já lhes são impostas pela sociedade capitalista.

Em outro recorte, destacaria a territorialidade muito especial, construída pelos antigos moradores, aposentados e intelectuais com a Praia de Iracema. Ora, este bairro, no âmbito da política da Fortaleza moderna, indutora de uma reformulação da geografia social da Cidade, teve redefinido o seu papel, pois se tornou objeto de política de renovação urbana com um novo cenário propiciado pela iluminação feérica, calçadas margeando o mar e o estímulo para restauração de casas históricas, especificamente para seu uso, como galerias de arte, restaurantes, bares mais elegantes e sofisticados. A mercantilização do solo ganhou novos componentes financeiros: localização privilegiada, conjunto histórico passam a associar o poder público com a iniciativa privada empresarial, combinando atividade imobiliária, turismo e atividades culturais. Redesenham-se novas paisagens.

A paisagem ímpar é marcada pelo passado e pelo presente, pela historicidade e pelo progresso e, ao mesmo tempo, pela memória, tradição e modernidade. Tal fato é mesmo resgatado pelo Estado que escolheu este bairro para a implantação do seu ambicioso Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, um complexo de cinemas, teatros, museu, escola de comunicações e artes, como “proposta arquitetônica no contexto urbano de renovação”.

Pode-se mesmo cogitar se esta reformulação do bairro da Praia de Iracema não teve como propósito uma “higienização,” pois o projeto de revitalização e sua implementação naquele bairro tradicional dificultou a presença de velhos moradores ao ali estimular a instalação de uma zona de comércio sofisticada, noturna, especializada e funcional.

A Praia de Iracema conhece, nos tempos mais recentes, um afluxo de frequentadores boêmios, bem como intensifica o trânsito nas ruas estreitas. São relações dessimétricas que se estabelecem entre a coletividade antiga, amante do silêncio e da tranquilidade, e os novos que chegam. Raffestin (1980) denomina este fenômeno de territorialidade instável pelas perdas e ganhos que ocorrem entre sujeitos sociais

A diversificação do território original engendrou nos antigos moradores da Praia de Iracema um fenômeno de deslocalização e um efeito de centralização. Esta suposição emerge pela comparação feita à situação semelhante, ocorrida na Lagoa do Abaeté e discutida por Silva (1993). A explicação da persistência dos moradores em defesa do bairro Praia de Iracema, com a luta capitaneada pelo artista Hélio Rola, e o SOS Iracema, embora englobando os diferentes grupos sociais que aí habitam, acredito que deva ser buscada tanto no sentimento de direito à cidade como naquele de uma territorialidade já constituída.

Territorialidades outras podem ser lembradas, como dos jovens na Volta da Jurema e na Barraca América do Sol, os camelôs na Praça José de Alencar, os “agitos jovens” dos clubes da periferia de Fortaleza...

Pensando em Fortaleza, com suas macroterritorialidades, convém destacar como embriões de territorialidades aquela da classe dominante, evidenciando luxo e riqueza na Aldeota e, por alteridade, a outra da classe dominada da pobreza e do lixo no Pirambu; na mesma leitura poderia pensar nas territorialidades dos excluídos e violência na zona Oeste e dos privilegiados e lazer na zona Leste.

As territorialidades se nutrem de uma certa historicidade e de uma permanência no tempo. Novas territorialidades estão em processo e velhas se desfazem; isto é o que importa registrar neste momento.

E para uma reflexão final sobre o exposto, menciono Calvino (op. cit: 84)

Um mapa de Esmeraldina deveria conter, assinaladas com tintas de diferentes cores, todos esses trajetos, sólidos ou líquidos, patentes ou escondidos. Mas é difícil fixar no papel os caminhos das andorinhas, que cortam o ar acima dos telhados, perfazem parábolas invisíveis com as asas rígidas, desviando-se para engolir um mosquito, voltam a subir em espiral rente a um pináculo, sombriam todos os pontos da cidade de cada ponto de suas trilhas aéreas.

Referências Bibliográficas

- CALVINO, Ítalo. **As Cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- DIÓGENES, Glória. **Fortaleza: uma cidade moderna? Fragmentos da cidade invisível**. Fortaleza: 1993 (texto mimeografado).
- FERRARA, Lucrécia d'Aléssio. **Ver a cidade**. São Paulo: Nobel. 1988.
- _____. **Olhar periférico**. S. Paulo: EDUSP, 1993.
- FREMONT, Armand. **Região, espaço vivido**. Coimbra: Liv. Almedina, 1980.
- JEAN, Bruno. Terre, Territoire, Territorialité: les agriculteurs et leur attachement au territoire. **Cahiers de Géographie du Québec**. Québec: Université Laval, vol. 37, nº 101, sept. 1993, p. 291-308.
- LOWENTHAL, D. & PRINCE. H.C. The English Landscape. **The Geographical Review**, LIV, nº 3, 1964.
- LEFEBVRE, Henry. **O Direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.
- _____. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.
- CEARÁ / SECRETARIA DO TRABALHO E AÇÃO SOCIAL - **Adensamentos favelados em Fortaleza**. Vol. I - Levantamento estatístico, set. 1991.
- LINHARES, Paulo. **Cidade de água e sal**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 1992.
- POCOCK, D.C. La géographie humaniste In : A. BAILLY et. Al. **Les concepts de la géographie humaine**. Paris: Masson, 1984.
- PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza belle époque**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 1993.
- RAFFESTIN, Claude. Potere e territorialità In: **Geografia Política: teorie per un progetto sociale** (a cura di Claude Raffestin) . Milano: Ed. UNICOPLI, 1983, p. 63-72.
- _____. Paysage et territorialité. **Cahiers de Géographie de Québec**. Québec: Université Laval, vo. 21 nº 53-54, sept-déc. 1977, p. 123-134.
- _____. **Por uma geografia do poder**. SP: Editora Ática, 1993.
- RIMBERT, Sylvie. **Les paysages urbains**. Paris: Armand Colin, 1973.
- SILVA, Paulo R. Guimarães da. O lugar no mundo: Identidade, territorialidade e ecologismo - o caso da Lagoa do Abaeté in: **Poder local: governo e cidadania/ Organização e coordenação de Tania Fischer** . Rio de Janeiro: Fund. Getúlio Vargas, 1993.

SOJA Edward W. **The Political Organization of Space**, Washington, D.C: Association of American Geographers, 1971 (citado por Claude Raffestin. Por uma Geografia do Poder. São Paulo: Ática, 1993.

* Essas referências são as primeiras de uma pesquisa “Novas e velhas espacialidades: o estudo da modernidade em Fortaleza”, financiada pelo CNPq, em 1994. Este texto foi concebido para uma mesa-redonda no evento “Os diversos olhares sobre Fortaleza” UFC, 1994. Originalmente publicado “Fortaleza: paysages urbains et la construction des territorialités”. Actes du Colloque: Le territoire, lien ou frontière?”. Paris: ORSTOM, 1996 (CD ROM).

² Dados da Secretaria do Trabalho e da Ação Social - Adensamentos favelados em Fortaleza - volume I - Levantamento Estatístico, setembro de 1991.

³ Sugiro a leitura do capítulo sobre territorialidade no mesmo livro p. 158-163 e o artigo “Paysage et territorialité” - Cahiers de Géographie du Québec, vol 21, nº 53/54, 1977.

⁴ Alexandra de Oliveira. “As prostitutas do Farol: territorialidade e espaço social”; J. Wellington da Silva - “O espaço social da prostituta de rua” e Vilma Araújo “Prostituição infantil em Fortaleza”. Pesquisas realizadas em outubro de 1993, sob a minha orientação.